

Palestra do Henri Caffarel São Paulo, 1962

Este material foi extraído do livro “Fazer E Viver. Eis o Desafio”, de autoria de Maria Regina e Carlos Eduardo Heise, e no momento em processo de revisão ortográfica. Nous remercions Afra et Beto Slegers, correspondants de l’association Les Amis du Père Caffarel pour la super-région Brésil, de nous l’avoir adressé.

“Não é o que você faz, mas quanto amor você dedica no que faz que realmente importa.” (Santa Teresa de Calcutá)

Queremos dedicar todo este capítulo a uma transcrição na íntegra de uma palestra proferida pelo Padre Caffarel, no Colégio Santa Cruz, em São Paulo, no ano de 1962, por ocasião de sua segunda visita ao nosso país. Ao que nos parece, essa palestra teve como ponto de partida o referido editorial acima mencionado. “O interesse que despertou, a procura dos poucos exemplares que foram mimeografados e, mais do que tudo, a importância de que se reveste para a melhor compreensão do ideal das Equipes de Nossa Senhora, levou-nos a publicá-la na íntegra”

A referida palestra que causou grande impacto na época, continua tendo sua total validade. Trata-se de uma palestra dirigida aos Casais Ligação e Casais Piloto. Mas que tem um valor incalculável para todos os equipistas, indiferentemente de estarem atuando como Ligação e/ou Piloto ou não. Podemos classificá-la como sendo uma típica palestra de Formação para casais, mas também de um tremendo valor para todos e cada um de nós, equipistas.

Nossa vontade seria ter grifado e sublinhado diversas partes da mesma, fato que poderia descaracterizar em parte a vontade do autor. Mas permitam-nos chamar a atenção para dois aspectos, entre tantos outros, que se destacam no texto.

O primeiro é a ênfase que o Padre Caffarel dá ao verbo “querer”¹. Um Movimento para casais que querem, que estão à procura, que almejam. Não é para amadores, como ele dizia, mas sim para casais maduros e conscientes da sua opção.

O segundo aspecto, não menos importante (a nosso ver), é como ele dá ênfase ao entendimento do “espírito” em contrapartida ao simples “legalismo” do “fazer”, do “cumprir” as regras, aos métodos, a pedagogia, ao invés de “vive-las” e, acima de tudo, com “caridade”.

Desejamos a todos uma ótima leitura desse texto, que aproveitem ao máximo. Tirem um ótimo proveito assim como o foi para nós.

O IDEAL DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA

¹ “As pessoas plenas [que estão vivas tanto em seus sentidos externos quanto internos] encontram satisfação em situações que outros consideram uma obrigação ou um dever enfadonho. Elas não têm que; elas querem. Estão cientes dos espinhos mas concentram-se nas rosas”. John Powell em Para Viver em Plenitude, Editora Crescer, 4ª edição, Pg. 57.

Quando um automobilista percebe à direita da estrada um aviso de perigo sob a sinalização do próximo cruzamento, diminui a marcha e presta mais atenção. Pergunto-me se não valeria a pena reproduzir tal aviso na primeira página de um folheto que tivesse por fim tornar as Equipes de Nossa Senhora conhecidas daqueles que se interessam por elas.

Entrar para as Equipes de Nossa Senhora é perigoso. E são os Estatutos que, atualmente, constituem o perigo.

A princípio não tínhamos Estatutos. Na realidade, outro perigo ameaçava os membros das equipes. O perigo que pesa sobre todo movimento onde há um espírito, uma mística, mas sem obrigações² que ajudem a viver esse espírito e essa mística.

Hoje, graças aos Estatutos, os equipistas se acham firmemente enquadrados e sustentados por obrigações. O perigo consiste em esvaziar as obrigações de seu espírito. Existem mesmo casais que nos procuram, atraídos precisamente pela perspectiva de encontrar uma regra em nosso Movimento.

O que se deve temer é que a prática da Regra se torne um fim, um ideal, um teto. E que os membros das equipes venham a achar que a perfeição cristã consiste pura e simplesmente em respeitar as obrigações; e por consequência a facilidade e a possibilidade de chegar à perfeição mediante alguns esforços; o contentamento consigo mesmo, a boa consciência. O sentimento de ser um “justo”... Quem não vê o perigo desse estado de espírito?

Recebi ultimamente uma carta que veio comprovar que tal perigo não é ilusório. Provém de um casal de quarenta e cinco anos, de alto nível humano e espiritual. Eis o que me escreveu:

“Por outro lado, deixamos as Equipes de Nossa Senhora. Sentíamos-nos sufocados: davam-nos a impressão de um mundo fechado sobre os pequenos problemas de um certo meio; de um mundo que não queria ver as exigências reais do ideal evangélico... e a observância dos Estatutos tornava-se, em certos dias, como um anteparo hipócrita que nos dava a baixo preço a satisfação de nós mesmos, deixando-nos de olhos e ouvidos fechados para todos os problemas que a sociedade atual coloca.”

Mais de uma vez, aconteceu-me ainda, viajando pela França, ter recebido críticas a respeito da equipe de Nossa Senhora vizinha: censurava-se o fato de ela ser fechada, de constituir o “clã dos justos”, a “seita dos puros”. Estou convicto de que a maioria das equipes não merece essa censura. Isso não me impede de colocar a angustiante pergunta: nossas equipes de Nossa Senhora irão formar cristãos ou produzir fariseus?

II — COMO SE PRECAVER CONTRA ESSE PERIGO? 3

² PCE

De tal forma impressionado pelo perigo que nos ameaça, confesso-lhes que tenho por vezes repensado nossa concepção do Movimento.

Às vezes pergunto a mim mesmo se não teria sido melhor deixar esses seis mil casais sem Movimento. Talvez tivessem sido maiores pecadores, mas sem dúvida teriam sido mais humildes.

Outras vezes, pergunto-me se não nos deveríamos ter contentado com um Movimento em que fosse dada uma mística exigente, um ideal por alcançar, do qual seria possível aproximarmo-nos sempre mais, mas que nunca poderíamos realizar perfeitamente. A vantagem seria manter sempre nos espíritos uma benfazeja inquietude.

Ou ainda, outras vezes me pergunto se os casais não deveriam ficar apenas alguns anos nas equipes. Despertar-se-ia neles o desejo de uma vida sempre mais cristã; ser-lhes-iam oferecidas as grandes orientações para a santificação na vida de leigos e no casamento, e depois se dissolveria a equipe. Não se fica toda a vida no seminário.

Mas, na verdade, não acredito que a solução esteja em inovações. O antidoto para o perigo que analiso se encontra nos próprios Estatutos. É a primeira parte dos Estatutos que responde a essa pergunta: Por que as Equipes de Nossa Senhora?

Chama-se, por vezes, a esse começo dos Estatutos o preâmbulo. Proponho que se abandone essa denominação. Com efeito, o que é um preâmbulo? O dicionário nos responde: “O que se diz ou se escreve antes, para anunciar o que vem depois”. “O preâmbulo de um decreto, de uma lei, o prefácio no qual o legislador expõe o objeto da nova regulamentação”. Um preâmbulo dos Estatutos precisaria o objeto dos Estatutos.

Ora, as primeiras páginas dos Estatutos são verdadeiramente páginas dos Estatutos e não preâmbulo. Primeira parte e não preâmbulo. Parte principal, que define a razão de ser, o objetivo, a finalidade das Equipes. As outras partes precisam os meios para tender para essa finalidade. Chamá-la de preâmbulo seria correr o risco de negligenciá-la. Não se relê constantemente o prefácio de um livro. O prefácio, não é o essencial de um livro.

Essa primeira parte é sem dúvida a menos original e entretanto, insisto: é a mais importante. A menos original. Felizmente, diria, pois é perigoso visar a originalidade nesse terreno. Efetivamente, toda a ambição dessa primeira parte consiste em apresentar resumidamente a perfeição cristã tal como se impõe a todos os cristãos casados. Qualquer Movimento de casais que tivesse como objetivo conduzir seus membros a uma vida sempre mais cristã, poderia adotar sem receio esse resumo da espiritualidade do cristão casado.

O que é original em nossos Estatutos são os meios adotados para alcançar a finalidade que a primeira nos mostra.

E entretanto é preciso dizer a respeito que esta primeira parte é a mais importante. Sem ela, poder-se-ia ter todo o resto, os meios poderiam ser conhecidos, mas os meios não seriam orientados. Ter-se-ia um carro mas sem conhecer o destino ao qual se quer chegar e então os meios se tornariam fim e a santidade seria nada mais nada menos do que a perfeita prática dos meios. Recai-mos no perigo que entrevíamos. Graças à primeira parte, os meios são orientados para a perfeição da vida cristã e fica-se preservado de fazer deles a finalidade.

III - LEITURA COMENTADA DA PRIMEIRA PARTE A - Observações gerais Nos treze primeiros parágrafos dessa primeira parte volta oito vezes a palavra: "Querem".

Retifico, para ser mais exato: duas vezes essa expressão é substituída por uma expressão sinônima, mas isso unicamente por escrúpulo literário. Uma vez se diz "ambicionam" vez de "querem", outra vez esta escrito "resolvem... servi-lo sem discutir".

Querem, é uma palavra capital. Proclamam :

não chegamos a... mas tendemos para, estamos resolvidos a chegar. Essa palavra protesta contra a atitude daqueles que acreditam ter chegado, estar em dia, instalados. Essa palavra protesta contra o contentamento de si mesmo. Essa palavra que volta como um estribilho insistente, e uma confissão de incapacidade; se tendemos para, é que não chegamos ainda. É a mola secreta que anima tudo o que se faz nas equipes.

Notem bem que ela não se refere a uma vaga intenção - o provérbio diz que o inferno está cheio de boas intenções - mas exprime uma tensão deliberada, voluntária, vigorosa. "Querem" e não "quiseram"; atualmente querem. A tensão que esses termos exprimem não deve nunca esmorecer pois o termo para o qual se tende pode tornar-se mais próximo, nunca atingido, porque se trata nada mais nada menos do que "ser perfeito como o Pai celeste é perfeito!"

Aquele, nas equipes, que renuncia a progredir, contraria o compromisso fundamental expresso pela palavra "querem". Seja qual for a altitude espiritual a que se chegou é preciso sempre tender para mais. O que faz o valor de um ser não é a altitude a que chegou, mas o impulso, a tensão que o anima. Eis o que exprime essa palavra da primeira parte dos Estatutos.

B - Plano da primeira parte Numerei de 1 a 16 os parágrafos da primeira parte dos Estatutos e convido-os a fazer o mesmo.

1 - Vida cristã pessoal (parágrafos 1 a 4)

"Ambicionam levar até o fim os compromissos de seu batismo."

O compromisso do batismo é, para um cristão, o compromisso fundamental de sua existência. Todos os outros compromissos não são mais que modestos meios para

ajudar a realização desse compromisso primordial: a promessa do escoteiro, os próprios votos religiosos.

“Entregam-se a Cristo sem condições”.

Quer dizer, renovar o compromisso do batismo. Para quem ama não há senão uma maneira de se dar: “sem condições”. Quem impõe uma condição, deixa a ordem do amor para entrar na do negócio.

“Querem viver para Cristo, com Cristo, por Cristo.”

“Para” designa a finalidade: trabalho para ganhar dinheiro, trabalho para meus filhos. A finalidade a alcançar é Cristo. Em todos os meus atos. O que não impede que eu possa ter um fim intermediário desde que não esteja em contradição com Cristo. Posso trabalhar para meus filhos mas isso não impede que eu trabalhe primeiro para Cristo.

“Com”, em companhia, junto, em colaboração. A vida cristã é uma vida a dois com Cristo.

“Por”: “do mesmo modo que vivo por meu Pai, aquele que me come viverá por mim”. É Cristo que estará no começo de todos os meus atos, é Ele que será a alma de minha alma.

“Resolvem servi-Lo sem discutir”.

Amar, é fazer a vontade de outro, é cooperar em sua obra, é servi-lo. Em nossa língua, a palavra servo não tem a riqueza de sentido que tem na Bíblia. Servir é aí cooperar no culto de Deus, em sua obra. É o grande título do Messias: “O Servo de Javé”. É o título que a Virgem Maria ambiciona “Eu sou a serva do Senhor”. E nesse sentido que é preciso compreender a frase que acabo de ler: “Resolvem servi-Lo sem discutir”.

“Os membros das Equipes de Nossa Senhora ambicionam levar até o fim os compromissos de seu batismo”, mas receberam igualmente outro sacramento: “o matrimônio”. E entendem também vivê-lo em plenitude.

2 - Vida cristã do casal (parágrafos 5 a 9)

“Reconhecem a Cristo por chefe e Senhor de seu lar”.

Essa pequena célula da Igreja que é o lar, como o realçou João XXIII em Roma, tem Cristo por chefe. O pai e a mãe nada mais são do que representantes de Cristo. Senhor de seu lar: vejam na palavra “Senhor” o sentido bíblico que equivale a Deus. Cristo diz ao casal o que Deus dizia outrora ao povo judeu: “Serei teu Deus e tu serás meu Povo”.

“Fazem de seu Evangelho o Estatuto da própria família”.

O Estatuto é a “regra fundamental”, tal é a definição do dicionário.

Não é nem o código das boas maneiras, nem o código da boa educação, é o Evangelho que deve ser o estatuto do lar, é a ele que tudo se deve referir. O Evangelho, esse livrinho que causa inquietação, que liberta de toda veleidade de instalação e toda a ameaça de contentamento de si mesmo.

“Querem que seu amor, santificado pelo sacramento do matrimônio, seja um louvor a Deus”.

Como a obra-prima é o louvor do artista.

“E também um testemunho junto aos homens demonstrando-lhes com evidencia que Cristo salvou o amor”.

Obrigando aqueles que os cercam a reconhecer: “Mas então, o amor existe mesmo!” Sim, proclama o lar cristão, porque Cristo veio salvar o amor.

“Uma reparação dos pecados contra o Matrimônio.”

Tantos casais vivem apenas um amor vulgar, impuro, infiel. Os casais das Equipes querem, em seus lares, por um acréscimo de amor, um acréscimo de pureza e de fidelidade, compensar o tremendo déficit de amor em tantos outros lares.

3 - Serviço da Igreja (parágrafos 10 e 11) O lar cristão quer ser uma célula desse grande corpo que é a Igreja. Mas cuidado para que ele não se torne um câncer. Um câncer são células que vivem em prejuízo do corpo inteiro.

“Querem ser, por toda parte, os missionários de Cristo”.

Missão, uma das grandes palavras do cristianismo. O Pai envia seu Filho entre os homens portador de uma missão. Cristo envia seus apóstolos. A Igreja envia cada cristão, cada casal. E notem a expressão: por toda parte. Com efeito, é no trabalho, nos momentos de distração, nos meios de transporte, nas atividades sindicais, políticas, etc. que os membros das Equipes de Nossa Senhora devem considerar-se em serviço, portadores de uma missão, permanentes na oração.

“Devotados à Igreja, querem estar sempre prontos a responder aos apelos de seu bispo e de seus sacerdotes.”

Ciosos de serem chamados para cooperar com a hierarquia e os padres, para o advento do Reino, os casais das equipes devem estar “sempre a postos”. Mas cuidado, isso não os dispensa de usar de discernimento em sua dedicação: seria um erro, sob pretexto de dedicação, negligenciar valores essenciais de cultura religiosa e humana, de aprofundamento de sua intimidade conjugal e de cumprimento fiel de seus deveres de pais.

4 - Serviço da Cidade (parágrafos 12 a 13) Considerar-se dispensado de servir a Cidade, de assumir funções temporais sob pretexto de vida interior ou apostólica seria falta de compreensão de sua responsabilidade de cristão leigo. É por isso que os Estatutos precisam:

“Querem ser competentes na profissão.”

Do operário ao homem de Estado é preciso querer fazer com perfeição seu ofício. Cristo era sem dúvida o melhor carpinteiro de Nazaré.

“Querem fazer de todas as suas atividades uma colaboração à obra de Deus e um serviço aos humildes.”

Os Estatutos, assim, convidam a ver as funções temporais em sua mais alta significação. Não se trata apenas de ganhar a vida.

Eis aí, apresentado em quatro parágrafos - vida cristã pessoal, vida cristã do casal, serviço da Igreja, serviço da Cidade - o ideal cristão a que os membros das Equipes de Nossa Senhora querem chegar, ou, mais exatamente, em direção do qual querem tender. É fácil ver como é injusta a acusação daqueles que pretendem que nas Equipes de Nossa Senhora não pensamos senão no casamento. Essa primeira parte dos Estatutos mostra bem nossa ambição de descobrir o conjunto das exigências da vida cristã, de formar o cristão integral.

Como diante desse ideal nos sentimos fracos, então recorreremos ao auxílio mútuo entre casais; é mesmo, em certo sentido, a razão de ser do Movimento, donde as últimas frases dessa primeira parte dos Estatutos.

5 - Razão de ser da vida de Equipe (parágrafos 14 a 16) “Porque conhecem a própria fraqueza e os limites de suas forças, como também da boa vontade que os anima, porque a experiência de todos os dias prova-lhes o quanto é difícil viver como cristão num mundo pagão, e porque depositam uma fé indefectível no poder do auxílio mútuo fraternal, decidiram unir-se em equipe”.

IV - CONCLUSÃO Dizia-lhes que o melhor antídoto contra o perigo do contentamento de si mesmo, é para nós essa primeira parte dos Estatutos que põe diante dos olhos a finalidade a alcançar. Penso que estão convencidos depois desta análise que fiz.

E no entanto não lhes escondo minha preocupação.: Ela volta a mim de um modo lancinante sob a forma que eu lhe dava no começo: nossas equipes irão formar verdadeiros cristãos ou produzir fariseus? O perigo é permanente. Porque sempre se corre o risco de perder de vista a primeira parte dos Estatutos para não ver senão as obrigações 4 .

Há um celebre exemplo na história religiosa da humanidade. Um século antes da nossa era, assustados com a influência helênica e com as infiltrações do paganismo grego que ameaçava a pureza das instituições de Israel e das consciências judias, os israelitas profundamente religiosos, fundaram um movimento de espiritualidade. Eram os

herdeiros dos grandes profetas. Como eles, recusavam pactuar com os pagãos e não hesitavam em enfrentar o martírio. Multiplicaram as obrigações a fim de apoiar sua vida religiosa, de encontrar nela meios para chegar a uma religião mais perfeita, esperavam com fervor a chegada do Messias.

E quando Cristo chegou, foram eles os mais impermeáveis à sua palavra, tornando-se seus piores inimigos. Foi para eles que Cristo reservou as mais terríveis apóstrofes: “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas que vos assemelhais a sepulcros caiados por fora e no interior cheios de ossos e de lixo”.

Qual a explicação desse trágico fracasso? É que se esqueceram da mística, não conservando de sua Regra senão as obrigações. E cumprem essas obrigações, e estão contentes consigo mesmos, e consideram-se justos e não têm nenhuma necessidade de um Salvador. Quando este se apresenta, crucificam-no.

Essa trágica história pode tornar-se a história de qualquer movimento de espiritualidade: se a nossa regra, se nossos Estatutos não conseguem fazer-nos adquirir uma consciência aguda de que somos pecadores, incapazes de nos salvarmos a nós mesmos, correm o grave risco de fazer de nós fariseus, seres a quem Cristo amaldiçoou.

Ofereço-lhes um teste infalível para verificar se o mal do farisaísmo já os contaminou. Depois de alguns anos de equipe, tem os casais, mais do que quando entraram no Movimento, o sentimento de que são pecadores, vulneráveis, ameaçados? Sentem medo? Desesperam de si mesmos? E voltam-se para Cristo Salvador com uma esperança maior do que era antes?

O único meio para suas equipes, o único meio para cada um dos casais de escapar a esse perigo, consiste em confrontar frequentemente a própria vida com a primeira parte dos Estatutos, confrontá-los com as dezesseis proposições da primeira parte dos Estatutos. Então se tornarão vivamente conscientes da distância que os separa da perfeição; então não poderão deixar de renovar a vontade de chegar a essa perfeição; então contarão com a graça de Cristo e não com seus próprios recursos.

Que a Virgem Maria, a quem todas as noites rezamos juntos, obtenha para todos os equipistas a graça das graças: a de serem humildes, ou, em termos mais bíblicos, de terem “almas de pobres”.

“Felizes os que têm alma de pobre, pois deles é o Reino dos Céus”.

Cônego Henri Caffarel